

Do conceito de signo ao princípio do valor linguístico: ensaio sobre a dimensão do significado na teoria saussuriana da linguagem

From the concept of sign to the value principle: an essay on the role of meaning in Saussurian theory of language

Aline Nardes dos Santos*

Rove Luiza de Oliveira Chishman**

RESUMO: A dimensão do significado, no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure (1916), pode ser delineada por meio da exploração de dois aspectos abordados ao longo da obra: o primeiro está ligado à noção de signo linguístico; o segundo refere-se ao conceito de valor, o qual possui uma dimensão semântica. Este ensaio visa a discutir e inter-relacionar ambos os pontos, verificando as implicações trazidas por essa visão sistemática que consolidou a linguística como ciência.

ABSTRACT: The dimension of meaning, in the Course in General Linguistics by Ferdinand de Saussure (1916), can be defined through two aspects explored on the book: the first one regards the notion of linguistic sign; the second one refers to the concept of value, which has a semantic dimension. This work aims at discussing and interrelating both points, as well as verifying the implications brought by this systematic vision that consolidated linguistics as a science.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure. Signo linguístico. Valor linguístico. Significado.

KEYWORDS: Saussure. Linguistic sign. Value. Meaning.

1. Apresentação

A dimensão do significado, no âmbito do Curso de Linguística Geral (CLG), expressa-se através de dois aspectos principais: o primeiro está ligado à noção de signo linguístico, que é composto de duas partes psíquicas - o significante e o significado; o segundo refere-se ao conceito de valor, o qual, no contexto do recorte teórico proposto por Ferdinand de Saussure, possui uma dimensão semântica. Este ensaio visa a discutir ambos os pontos (que, conforme mostraremos ao longo do texto, estão diretamente relacionados), através de uma revisão teórica que tem como ponto de partida o CLG. Ressaltamos que, embora tenhamos ciência de estudos ligados à revisão dos princípios dispostos no Curso de Linguística Geral – devido à problemática em torno da autoria da obra e ao surgimento de manuscritos deixados pelo estudioso genebrino –, concentrar-nos-emos nas ideias dispostas no CLG, visto que não se pode

* Graduada em Letras Português/Inglês e mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista CAPES/CNJ.

** Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista de Produtividade em Pesquisa no CNPq.

negar a importância que a obra ainda possui no que concerne ao entendimento das concepções assumidas pela linguística moderna ao longo de seu percurso epistemológico.

Assim, o presente trabalho organiza-se da seguinte maneira: na primeira parte, abordaremos os princípios ligados ao signo linguístico, tendo como foco a sua conceituação e seu desdobramento em significante e significado; na segunda seção, trataremos da noção de valor proposta por Saussure, mais especificamente da forma como esse conceito implica um valor semântico.

2. O conceito de signo linguístico: o significado como contraparte do significante

É indiscutível o impacto do pensamento de Saussure para os estudos linguísticos: estabelecendo uma ruptura com o comparatismo então vigente, o estudioso propôs um recorte teórico que consolidou a linguística como ciência, propondo, nas palavras de Paveau (2006, p. 65), “uma abordagem não histórica, descritiva e sistemática” da linguagem. Basílio (2010) coloca Saussure como um filósofo da linguagem, preocupado em definir a natureza e os limites do conhecimento linguístico. Para a autora, a teoria saussuriana baseia-se num saber negativo ou não positivo, pressupondo que o ponto de vista é que cria o objeto, ou seja, parte-se da ideia de que o objeto não é algo pré-determinado¹. Dessa forma, a natureza negativa ou não empírica da reflexão de Saussure subjaz a um de seus princípios mais importantes: o de que a língua é um sistema isolado de signos.

Ao realizar esse recorte quanto ao conceito de língua, Saussure estabelece-a como sendo homogênea, em contraposição à linguagem, cuja complexidade, na visão do teórico, faz com que não seja pertinente tomá-la como seu objeto de estudo. Já a língua, para o professor, é passível de delimitação e implica validação social, ou seja, é um sistema que compreende aquilo que é comum a todos os falantes de determinada comunidade; a partir disso, entende-se o motivo pelo qual Saussure considera a língua como uma instituição social (SAUSSURE, 2006). Contudo, esse sistema não leva em conta a maneira como os falantes se utilizam da língua, estabelecendo-se uma separação entre *langue* (língua) e *parole* (fala), pelo fato de esta última ser vista como uma parte acessória e “mais ou menos acidental”. (SAUSSURE, 2006, p. 22). Dessa forma, a língua é concebida como o lado estrutural da linguagem, sendo assim isolável. Além disso, vale frisar que tal sistema linguístico é considerado autônomo, ou seja,

¹ O saber positivo, consoante a autora, é o saber essencialmente empírico, “que envolve a manipulação do objeto, e a formulação matematizada de leis que permitem observar este objeto”. (BASÍLIO, 2010, p. 2).

independente do uso individual, já que, para o teórico genebrino, língua é aquilo que o falante utiliza de forma passiva, sem que reflita ou intervenha sobre tal estrutura.

Esse sistema linguístico cuidadosamente delimitado possui como constituintes os signos, caracterizados como estruturas mentais, visto que a língua, enquanto sistema homogêneo, é a parte psíquica da linguagem², consistindo em um

[...] tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, 2006, p. 21).

Apesar de psíquico, o signo não é caracterizado por Saussure como abstrato porque, consoante o CLG, é algo tangível e, por isso, registrável por meio da escrita (SAUSSURE, 2006). O estudioso parte dessa constatação para reforçar a sua opção por isolar a língua da fala, cujos pormenores ligados a processos como o de fonação – por exemplo, os movimentos musculares que permitem a articulação de sons – não eram até então registráveis. Em suma, o signo é psíquico, porque armazenado na mente; e não abstrato, porque socialmente partilhado e passível de registro. A essas considerações, acrescentamos a explicação de Joseph (2006, p. 59) quando aborda a complexidade de se compreender o signo como algo não abstrato. A partir de uma passagem do segundo Curso, ele sugere que esse caráter concreto diz respeito ao fato de que os falantes possuem acesso mental aos signos, tendo Saussure o objetivo de contrapor essa “materialidade” com a abstração relacionada à sua subdivisão – o significante e o significado é que seriam abstratos.

Ironicamente, uma das partes do CLG que explica mais detalhadamente o funcionamento do signo, conceito-chave da *langue*, é uma seção dedicada a considerações sobre a *parole*, na qual o circuito de fala é explorado. Nesse subcapítulo, o teórico afirma que o fenômeno da fala tem um ponto de partida situado no cérebro, onde os conceitos ou “fatos de consciência” estão ligados a imagens acústicas. Quando um conceito suscita uma imagem acústica, o cérebro do falante envia, ao sistema de fonação, um “impulso correlativo da imagem”, para que o som seja propagado até o ouvinte, o qual, ao ouvir essa expressão sonora

² A fala (*parole*) é vista como o seu “lado executivo” (SAUSSURE, 2006, p. 21).

evocadora da imagem, associa-a ao conceito correspondente, dando continuidade a esse processo. Assim é representado o circuito:

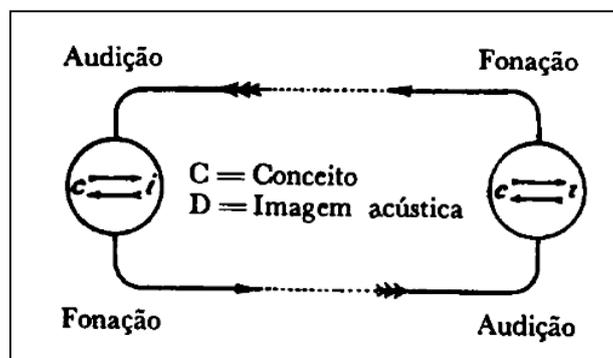


Figura 1: representação das fases do circuito da fala
Fonte: (SAUSSURE, 2006, p. 20)

O estudioso se utiliza da sistematização desse circuito para dele diferenciar as “partes físicas (ondas sonoras) das fisiológicas (fonação e audição) das psíquicas (imagens verbais e conceitos)” (SAUSSURE, 2006, p. 20), situando o papel do signo em relação aos eventos que desencadeiam a fala. Desse modo, além de psíquico, o signo é caracterizado como uma parte interior do circuito, em contraposição ao som, que é exterior; e passivo, sendo ativo aquilo que parte da associação mental e se materializa para chegar ao ouvido de outrem. Ou seja, a recepção ou compreensão é considerada passiva – o que corrobora a homogeneidade da língua na teoria saussuriana, dado que os signos seriam comuns a toda a comunidade. Portanto, temos em Saussure um foco na recepção e na parte psíquica da língua, por isso o estabelecimento de um estudo do signo³, visto que “Pelo funcionamento das partes receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes, é que se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos”. (SAUSSURE, 2006, p. 21).

Nesse contexto psíquico do funcionamento da língua, temos que o signo é constituído de duas unidades também psíquicas: a imagem acústica e o conceito, os quais são posteriormente substituídos, respectivamente, pelos termos significante e significado, pelo fato de esses termos indicarem “a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte.” (SAUSSURE, 2006, p. 81). Nas próximas seções, trataremos dessas duas faces que constituem o signo linguístico.

³ A linguística, vista como subárea da semiologia, teria o papel de investigar a estrutura e o funcionamento dos signos “no seio da vida social”. (SAUSSURE, 2006, p. 24).

2.1 O significante

O significante é explicado por Saussure como sendo uma imagem acústica que “pode traduzir-se numa imagem visual constante. [...] cada imagem acústica não passa [...] da soma dum número limitado de elementos ou fonemas, suscetíveis, por sua vez, de serem evocados por um número correspondente de signos na escrita.” (SAUSSURE, 2006, p. 23). A partir disso, o teórico define a língua como “o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens”. (SAUSSURE, 2006, p. 23). O significante é também estabelecido como

[...] a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la ‘material’, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2006, p. 80).

Esse conceito de significante fica mais claro quando o estudioso genebrino atribui, à fonologia, o papel de estudar os contrastes entre as imagens acústicas e não entre os sons propriamente ditos, comparando o campo da fonética e da fonologia à produção de imagens em um tapete: a primeira dá conta do processo de obtenção das cores, ou seja, envolve aquilo que é externo ao tapete onde o desenho será feito (isto é, externo ao sistema); já a segunda ocupa-se da oposição entre os fios, que dará origem ao desenho propriamente dito. É por isso que esse postulado de Saussure tem significativo impacto para os estudos de fonologia, diferenciada da fonética por ser um “[...] sistema baseado na oposição psíquica das impressões acústicas” (PAVEAU, 2006, p. 70), dado que isso explica a natureza dos fonemas em relação aos fones: se dois fones, ocupando a mesma posição em uma cadeia de sons, expressam a mesma imagem acústica, não são opostos e, portanto, constituem mesmo fonema⁴. Assim, o significante possui destaque na abordagem saussuriana; nas palavras de Culler (1979, p. 24):

Ao estudar a língua como sistema de signos, está-se tentando identificar-lhe os traços essenciais: aqueles *elementos decisivos para a função significante da língua* ou, em outras palavras, os elementos que são funcionais dentro do sistema em que criam signos distinguindo-os uns dos outros. (CULLER, 1979, p. 24, grifo nosso).

⁴ Por exemplo, no português brasileiro, o /-r/ retroflexo e o /-r/ aspirado podem ocupar a mesma posição que a vibrante simples /r/, sem resultar em diferenças na expressão de palavras como *corte*.

Para ilustrar o caráter psíquico das imagens acústicas, Saussure (2006, p. 80) observa que não é necessário materializarmos essa impressão para fazermos uso da língua, já que é possível recitar um poema apenas mentalmente. Destarte, o significante é concebido como uma “imagem interior no discurso” (SAUSSURE, 2006, p. 80), sendo a fala, para o teórico, apenas uma forma de torná-la compreensível a outros indivíduos.

Outro aspecto importante relacionado ao significante é o seu caráter linear. Saussure (2006, p. 84, grifo do autor) explica-nos que essa face do signo, “[...] sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*.” Em relação a esse postulado, consideramos que o adjetivo “auditiva” acaba tornando o trecho um tanto aberto a diferentes interpretações, pelo fato de que, até então, tínhamos tanto o significante quanto o significado como sendo de ordem puramente psíquica⁵. Assim, essa seção do CLG permite que o leitor entenda por significante a realização sonora da imagem acústica e, portanto, como algo físico e não psíquico; até porque, conforme suprarreferido na seção sobre o circuito da fala, as cadeias sonoras constituem as propriedades físicas do esquema de Saussure.

Observado esse ponto, entendemos que o teórico tenha objetivado fazer uma contraposição entre os significantes da língua e os significantes visuais, como as luzes de sinais marítimos, visto que afirma que estes últimos envolvem complicações em virtude de suas múltiplas dimensões, sendo que os significantes acústicos “dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia. Esse caráter aparece imediatamente quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos.” (SAUSSURE, 2006, p. 84).

Em suma, o significante é tido como a contraparte do signo que corresponde a uma imagem acústica em um contexto mental, sendo sonoramente realizável e também registrável através da escrita. No âmbito das delimitações epistemológicas propostas por Saussure, o conceito do significante é essencial aos estudos linguísticos, fato esse que reflete nos princípios basilares de áreas como a fonologia.

⁵ O mesmo ocorre se refletirmos sobre a pertinência da expressão “imagem acústica”, sendo que esta se refere a um contexto psíquico.

2.2 O significado

A segunda face do signo aparece, no CLG, primeiramente como conceito, quando ainda se opta pelo termo “imagem acústica” em vez de “significante”. Conforme abordamos anteriormente, esse conceito também é chamado de “fato de consciência”, sendo responsável por suscitar, no cérebro, uma imagem acústica (SAUSSURE, 2006, p. 19). É a partir dessa associação psíquica que o processo fisiológico da fonação e a etapa física da propagação sonora acontecem.

Ainda retomando as considerações feitas na seção anterior, o significado é considerado a parte do signo que é geralmente mais abstrata – daí o motivo pelo qual Saussure caracteriza o significante como “material”. Desse modo, podemos compreender que a preponderância do significante na teorização saussuriana também se justifica pelo fato de que o estudioso genebrino apresenta a imagem acústica como a face mais sistematizável e descritível do signo.

No capítulo sobre a natureza do signo linguístico, Saussure traz uma explicação a partir do exemplo de “árvore”. Refutando a questão de que a língua não é uma nomenclatura, uma lista de termos que correspondem a coisas no mundo real, o estudioso começa por indicar que *arbor* possui tanto natureza vocal quanto psíquica. Assim, a concepção de *arbor* desdobra-se no sentido de que se vincula à imagem acústica, formando o respectivo signo. Saussure (2006, p. 81) pontua que o termo signo seria correntemente associado à imagem acústica, ignorando-se a contraparte do significado: “Esquece-se que se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito ‘árvore’, de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total.”

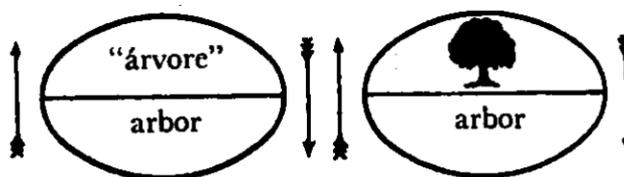


Figura 2: representação do signo *arbor*
Fonte: (SAUSSURE, 2006, p. 81)

Na esquematização disposta pelo CLG, o significado é indicado por meio da representação visual de uma árvore, dando a entender que está em jogo a capacidade do indivíduo em exprimir mentalmente alguma imagem. Entretanto, o que depreendemos do

estudo do texto é que o significado está ligado a uma noção de ideia que se atrela ao significante, tudo isso em âmbito psíquico, sem que se considere a referência desse signo no mundo.

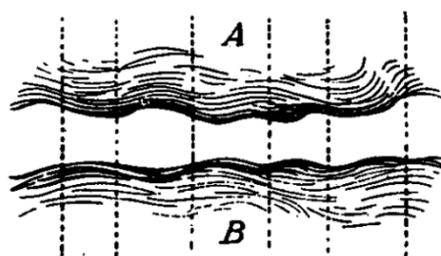
É interessante observar que o significado aparecerá, no capítulo sobre o princípio do valor linguístico, como *significação*:

Tomemos, inicialmente, a significação tal como se costuma representá-la e tal como nós a representamos [...] Ela não é [...] mais que a contraparte da imagem auditiva. Tudo se passa entre a imagem auditiva e o conceito, nos limites da palavra considerada como um domínio fechado existente por si próprio. (SAUSSURE, 2006, p. 133).

Nesse ponto, surge no CLG a necessidade de se diferenciar o significado, contraparte do significante, do valor que um signo possui diante da presença de outros. Para compreendermos melhor essa questão, passemos à segunda parte do presente ensaio, que abordará o princípio do valor linguístico.

3. O valor linguístico

A teoria do valor pode ser considerada como um dos postulados mais refinados de que dispõe o CLG. Conforme pontua Nóbrega (2012), é o valor que concentra as características do sistema linguístico, que até então eram atribuídas à língua enquanto sistema de signos. No capítulo sobre a teoria do valor, Saussure começa por explicar a relação que ocorre no interior do signo por meio da ilustração das massas amorfas. Para o mestre, “Podemos, então, representar o fato linguístico em seu conjunto, isto é, a língua, como uma série de subdivisões contíguas marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das ideias confusas (A) e sobre o plano não menos indeterminado dos sons (B) [...]”. (SAUSSURE, 2006, p. 130). Desse modo, a língua, para Saussure, utiliza-se dessas duas massas para se organizar como um sistema.



Fonte: (SAUSSURE, 2006, p. 81)

Figura 3: o plano indefinido das ideias (A) e dos sons (B)

A ideia de corte também se liga a outro princípio importante para compreendermos o signo e seu valor: a arbitrariedade. Consoante a explicação de Bouquet (1997, p. 235), pode-se entender o arbitrário a partir de uma subdivisão em dois níveis. O primeiro é referente ao arbitrário interno ao signo, dado que o significante é “*imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço com a realidade.” (SAUSSURE, 2006, p. 83). O segundo nível é o arbitrário sistêmico, concernente a esse corte realizado pelo signo a partir das massas amorfas; é por isso que o professor genebrino comparará a língua a uma folha de papel, sendo pensamento e som dois lados da mesma superfície. Conforme ressalta Joseph (2006, p. 65), o Curso dispõe de ressalvas em relação à separabilidade entre significante e significado, visto que a segmentação desses dois elementos, que já são, por si só, abstratos, leva à produção de outras abstrações que não concernem ao funcionamento do sistema linguístico.

Retomando a questão da significação (significado) e sua diferença para o valor, aspecto que encerrou a seção anterior, temos a observação de Saussure quanto à complexidade de se diferenciar as duas dimensões:

Mas eis o aspecto paradoxal da questão: de um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. (SAUSSURE, 2006, p. 133).

A partir disso, o professor formaliza o conceito de valor linguístico ao estabelecer que a língua é “um sistema em que todos os termos são solidários e [que] o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros.” (SAUSSURE, 2006, p. 133).

Para ilustrar a relação entre valor e significação, Saussure traz-nos o exemplo de *carneiro* (no francês, *mouton*; no inglês, *sheep*). Esses termos, nos três idiomas, teriam o mesmo significado (contraparte do significante), mas valores diferentes, pelo fato de que, em inglês, existe uma palavra específica para designar carneiro enquanto porção de carne a ser consumida (*mutton*), o que não ocorre no francês e no português. Desse modo, a diferença entre esses itens só seria colocada em evidência ao ser realizado o contraste entre os signos – o valor é visto, portanto, como um modo de mostrar que as línguas, justamente por não serem nomenclaturas, não possuem correspondentes exatos em termos de valor. Da mesma forma, o enriquecimento que um termo pode trazer a outro também é explicado, no paradigma saussuriano, por meio do valor: o adjetivo *decrépito*, usado em expressões como *muro decrepito*, enriquece-se ao ser

utilizado para caracterizar um ser humano (*velho decrepito*)⁶. Estabelece-se, a partir disso, que “O significado não é primordialmente um conceito, mas sim um valor”. (GODEL, *apud* CARVALHO, 1998, p. 136). É por isso que o valor, dentro desse contexto de sistema linguístico, possui uma dimensão semântica.

Saussure ainda pontua dois aspectos importantes que se relacionam à teoria do valor e à estrutura do signo. O primeiro deles é o princípio de diferenciação, pelo fato de que “os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade”. (SAUSSURE, 2006, p. 140). Desse modo, assim como o significante se diferencia do significado, existe sempre uma oposição no nível do signo, visto que uma unidade é aquilo que a outra não é. Já o segundo aspecto refere-se ao “fato de gramática”, ilustrado por Saussure com casos em que a diferença entre um signo e outro se reflete na estrutura gramatical; por exemplo, o morfema *s* de uma palavra em português, que pluraliza o termo. Neste trecho, a sistematização é tão fortemente expressa que o professor compara a língua a “uma álgebra que teria somente termos complexos.” (SAUSSURE, 2006, p. 141). Esses fatos de gramática, que expressariam materialmente a sistemática dos signos, reforçam a posição saussuriana quando da afirmação de que *a língua é uma forma e não uma substância*, o que permite que se entenda a formalização como a maneira mais adequada de se estudar os fenômenos da linguagem.

Até então, Saussure havia conceituado a língua como sistema de signos. Após as considerações sobre a sua mais sofisticada teoria, passamos a ter a língua como um sistema de valores. Para Cunha (2008, p. 10), tal mudança, que não é explicada no CLG, dever-se-ia ao fato de que Saussure veria a língua como um conjunto de unidades que constituem valores, os quais podem ser lidos como signos. Assim, os signos seriam vistos como puras unidades de valor, perceptíveis mediante a contraposição entre um elemento e outro, sendo esses valores, conforme observa Cardoso (2010, p. 8), analisados a partir de seu caráter essencialmente estrutural. Denota-se, portanto, a importância que a teoria do valor possui para que compreendamos as noções de língua e de signo linguístico encontradas em Saussure.

4. Considerações

É de Saussure o mérito de conferir, aos estudos linguísticos, um caráter científico, estabelecido a partir de um rígido recorte teórico que tinha como centro um sistema de signos

⁶ Exemplo adaptado do francês *décrepité* (SAUSSURE, 2006, p. 135).

– posteriormente consolidado, conforme mencionamos, como um sistema de valores assentados na oposição entre seus elementos. A partir das considerações aqui realizadas, pudemos perceber que esse caráter sistemático é minuciosamente – e, poderíamos dizer, matematicamente – delineado, de modo que conceitos como significante e significado cheguem a um considerável nível de abstração.

Na primeira seção deste ensaio, verificamos como Saussure, no CLG, explica os desdobramentos do signo linguístico em imagem acústica e conceito, ambos psiquicamente constituídos. O primeiro refere-se a uma impressão mental do som que se caracteriza por seu caráter linear, expresso em representações como a escrita; o segundo é um sentido que se liga ao significante, uma ideia mentalmente ativada que, juntamente com a imagem acústica, constitui a estrutura do signo. Abstratas, ambas as contrapartes se diferenciam; da mesma forma, um signo se opõe ao outro, aspecto que é evidenciado através da abordagem da teoria do valor.

Para compreendermos melhor essa questão, a segunda seção ocupou-se das considerações acerca do valor linguístico, que estabelece diferenciações no nível do signo. A partir de nossa revisão, verificamos que alguns signos, embora tenham os mesmos significantes, podem possuir valores diferentes ao serem contrapostos uns aos outros. Vimos também que os chamados fatos de gramática servem como justificativa para que Saussure considere, a partir da forma e não da substância, a conceituação de língua, fortalecendo a necessidade de formalização que se evidencia constantemente no CLG.

Dessa forma, concluímos que a dimensão do significado em Saussure, em prol de uma sistematização que sustenta esse paradigma linguístico, expressa-se de maneiras bastante constritas. A primeira delas (relativa à contraparte do signo) é puramente abstrata e dissociada do significante, sendo que este último é posto como o foco das análises no âmbito do sistema. Posteriormente, o significado aparece no CLG para que se estabeleça uma diferença entre esse constituinte e a noção de valor, a qual, configurando a segunda dimensão do significado, assume um papel primordial no que tange ao aspecto semântico da teoria de Saussure.

Por ser tão minuciosamente delimitado, esse valor semântico não possibilita análises fora do contexto sistemático e sincrônico que constitui a formalização saussuriana. Isolados do mundo extralinguístico, os significados produzidos só podem ser estudados a partir do material de que o próprio sistema dispõe: a dimensão semântica do valor saussuriano, produto dessa noção sistêmica, fica restrita aos limites do “tabuleiro de xadrez” da língua, em que a

manipulação das peças e a sua comparação com as demais são as únicas formas possíveis de análise dos seus constituintes.

Referências

BASÍLIO, R. Saussure: uma filosofia da linguística? **ReVEL**, vol. 8, n. 14, 2010. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/c772bf37d602e359720072f413942fb2.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

CARDOSO, M. J. d'E. Sobre a Teoria do Valor em Saussure, Marx e Lacan. **Estudos semióticos**, v. 6, n. 1, São Paulo, p. 1-9, 2010.

CARVALHO, C.de. **Para Compreender Saussure**. Petrópolis: Vozes, p. 109-146, 1998.

BOUQUET, S. **Introdução à Leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CULLER, J. **As Idéias de Saussure**. São Paulo: Cultrix, p. 13-43, 1979.

JOSEPH, J. E. The Linguistic Sign. In: SANDERS, C. (Org.). **The Cambridge Companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

NÓBREGA, M. **O ponto de vista do sistema**: possibilidade de leitura da linguística geral de Ferdinand de Saussure. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2012.

PAVEAU, M.-A.; SARFATI, G.-E. **As Grandes Teorias da Linguística**: da Gramática Comparada à Pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

Artigo recebido em: 11.12.2014

Artigo aprovado em: 07.05.2015